

NOTA DO EDITOR

LUZES DO CAMINHO

THE ROAD NOT TAKEN

Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I,
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.

Robert Frost (1874-1963)

'The Road Not Taken' é retirado de *Mountain Interval*.

Robert Frost. Nova Iorque: Henry Holt, 1921.

Interacções completa, com esta edição, o primeiro decálogo de 10 números. O artigo de Ana Vasconcelos, sobre o livro de Pedro Luzes *Do Pensamento à Emoção*, é um inspirado exercício exegético, na

forma de um guia de leitura, acerca deste texto difícil e marcante na literatura psicanalítica, em Portugal. De muitas formas, uma obra e um autor são testemunho da dificuldade na opção de caminhos. A tensão permanente entre a razão e a emoção, na experiência humana, é a dificuldade de escolher apenas uma dessas estradas, uma vez que emoção e razão são caminhos sobrepostos e nunca caminhos bifurcados. A viragem crítica que a psicanálise veio representar, no conhecimento humano e acerca do conhecimento humano, reside, em grande medida, precisamente, na complexidade dos recursos para a análise desta sobreposição. A longa carreira intelectual de Pedro Luzes, combinando psicanálise e filosofia, e a sua persistente defesa da abordagem da psicanálise em Portugal, é, por outro lado, um testemunho eloquente de que uma carreira científica implica sempre escolher o caminho mais difícil, um caminho sem regresso, o caminho da diferença. A estrada percorrida irá iluminar o percurso crítico de outras pessoas, em particular, na compreensão psicanalítica e filosófica de que, para o poder cognitivo avançar e ser criativo, é necessário que as emoções sejam desafiantes e não inibitórias. Mas, por outro lado, seguir o caminho e a luz da razão é um permanente resgate da emoção original da vida, o resgate da primeira luz.

No artigo seguinte, Vasco Almeida explora a relação entre dois campos referenciais da teoria económica actual, o Realismo Crítico e os Sistemas Nacionais de Inovação, indicando o benefício em analisar, conjuntamente, duas perspectivas, no campo do Realismo Crítico, que, normalmente, tendem a ser abordadas isoladamente, o modelo transformacional e a discussão sobre sistemas abertos e fechados, demonstrando, de forma original, o contributo que estas abordagens podem dar para a sedimentação crítica dos Sistemas Nacionais de Inovação. Uma revisão teórica é também o propósito do artigo de Marina Cunha, dedicado à ansiedade, na infância e na adolescência, uma questão, em particular no que se refere à infância, que apenas recentemente passou a constituir e a ser reconhecida como um campo próprio no trabalho e na investigação em psicologia. Por seu lado, Ilda Cardoso aborda a importância do contexto transcultural, na validade da utilização dos testes de inteligência, enfatizando a preocupação com o rigor, na adaptação da prática e da linguagem destes processos de medida, no campo específico da psicologia.

A sucessão entre utopia e distopia é o modo como, de seguida, Fernanda Daniel aborda a crucial questão da velhice na sociedade contemporânea, numa era de envelhecimento da população. Partindo da importante premissa crítica de que a velhice não pode ser natura-

lizada e que, na verdade, a velhice se transforma conforme se transforma a sociedade, a autora refere que a transformação do conceito de velhice, no mundo de hoje, e nas sociedades ocidentais em particular, constitui a transição de uma convencional visão distópica – centrada na ideia da velhice como um simultâneo declínio pessoal e um problema para a sociedade – para novas retóricas utópicas sobre a velhice, ligadas a iniciativas de política pública, re-conceptualização do trabalho e alargamento do tempo útil de vida.

O artigo de Tiago Pizarro Dias, que fecha este número, é um estudo sobre os inquéritos de formação profissional, a partir, por assim dizer, de uma avaliação da avaliação, medindo a apreciação que os funcionários de uma firma, que passaram por um curso de formação técnica, fazem dos processos e eficácias da própria formação. O estudo aborda, assim, a necessidade da permanente re-avaliação, tanto dos procedimentos de formação profissional, numa sociedade de linguagens especializadas, técnicas e organizacionais em permanente mudança, como da própria necessidade de conferir ‘depois do facto’ e numa dimensão participativa, junto dos próprios formandos, as possibilidades e limites destes processos.

A luz no caminho desta Revista, que completa os seus dez primeiros números, é feita do empenhamento daqueles que escreveram e de outros que continuarão a escrever novos artigos, como testemunho de que o pensamento crítico e científico é uma persistente equação entre o trabalho racional e a emoção de encontrar o sentido das coisas. A ideia de sonho, ou de ir atrás dos seus sonhos, persistindo no caminho, é, possivelmente, a melhor expressão, afinal, que possuímos para esta sobreposição entre a luz da razão e a outra luz das emoções. Se isto for verdade, a vida é feita de três coisas apenas. Os sonhos que tivemos e perdemos e a que já dissemos adeus. Os sonhos que, depois de tudo, continuam connosco. E os sonhos que, em algum lugar, ainda estão à nossa espera.